

CARACTERÍSTICAS DE REPROVAÇÃO E VIVÊNCIA ESCOLAR DE MENINOS E MENINAS EM PONTA GROSSA/PR

Susana Aparecida Fagundes de Oliveira¹

Marcio José Ornat²

RESUMO: Esta discussão evidencia a relação entre características de reprovação e a vivência escolar de meninos e meninas em Ponta Grossa, Paraná, questão esta que sustenta uma pesquisa de pós graduação em desenvolvimento. Os dados preliminares referem-se ao ano de 2013, levantamento quantitativo este que fora realizado em cinco colégios da rede estadual de ensino em Ponta Grossa/PR, buscando traçar um perfil de discentes reprovados entre o período de 2009 a 2012 no ensino fundamental II. Estes dados foram obtidos por meio da análise de documentos dos colégios investigados. A partir da quantificação dos dados obtidos, evidencia-se que a reprovação dos meninos foi superior em relação às meninas, apresentando os meninos nas cinco escolas uma média de reprovação de 71,89 %, frente a 28,11% de média de reprovação de meninas. Compreendemos que estes dados estão relacionados à própria vivência do espaço escolar de meninos e meninas, constituída por elementos de masculinidade e de feminilidade. Portanto, o comportamento de reprovações não é homogêneo, mas sim heterogêneo relacionado à categoria de gênero, referente aos comportamentos sociais esperados para meninos e meninas.

Palavras-chave: Espaço escolar; Reprovação; Gênero.

INTRODUÇÃO

No intuito de dialogar com a temática proposta, primeiramente, apresentamos alguns apontamentos, sob o viés de diferentes discursos teóricos, sobre a reprovação.

¹ Licenciada em Geografia/UEPG. Professora da Rede Privada de Ensino/Ponta Grossa/PR. E-mail: susikilpg@hotmail.com

² Doutor em Geografia na UFRJ. Professor do Depto. De Geociências - UEPG. Pesquisador do Grupo de Estudos Territoriais. E- mail: geogenero@gmail.com

Realização:

Apoio:



Patrocínio:



PlayBook



Na visão apresentada por autores, como Silva e Davis (1993), Gomes (2005) a reprovação pode até trazer resultados positivos, visto que o aluno terá que refazer à mesma e assim poderá se apropriar de uma melhor forma dos conteúdos não adquiridos anteriormente, como se ao refazer a série, o aluno obtivesse mais maturidade de um ano para o outro. Mas essa positividade na reprovação só pode ser considerada desde que os alunos reprovados tenham um acompanhamento mais adequado e o trabalho educativo desenvolvido com estes alunos seja revisto, possivelmente minimizando a evasão escolar, recorrente em alunos com incidência na reprovação, bem como o aluno teria os conhecimentos necessários para seu avanço.

Apesar de muitos pais, educadores e autores como os mencionados anteriormente, concordarem com essa visão, Paro (2003), Jacomini (2009) e Patto (2010) acreditam que possa haver um desestímulo por parte do aluno ao reprovar inúmeras vezes, pois da distorção de série, a idade inadequada são motivos que levam o aluno muitas vezes ao abandono escolar. Para eles essa reprovação é vista de maneira tão negativa e não traz nenhum benefício para o aluno repetente.

Ambos os autores enfatizam a necessidade de buscar alternativas para melhorar o trabalho educativo desenvolvido com os alunos reprovados, já que não é possível lhes atribuir a reprovação somente pela falta de maturidade ou pela insuficiência de conteúdos necessários para se obter a nota mínima para prosseguir na série seguinte. É necessário que a equipe pedagógica e corpo docente revejam suas metodologias de aprendizagem, buscando novas formas de o aluno se apropriar dos conteúdos e também torná-los capazes de produzir seu próprio conhecimento. As escolas estão tão habituadas com a reprovação que não conseguem buscar novas alternativas de trabalhar sem ela. Cabe à escola e também aos professores proporcionar a estes indivíduos uma educação digna, em que todos possam ter oportunidades para desenvolver suas potencialidades.

Nesta pesquisa há dois apontamentos principais. O primeiro, que nos apresenta através de dados quantificados a questão da reprovação escolar tendo como protagonistas os meninos, visto que os dados apontam para uma reprovação

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



maior em sujeitos do sexo masculino. O segundo apontamento leva em conta a carência na produção científica, principalmente no campo da Geografia, relacionada à problemática apresentada - espaço escolar – masculinidades – reprovação.

Para preenchermos estas lacunas se faz necessária articulações e discussões sobre o tema. Autores como Louro (1997) e Chimim (2009) evidenciam a carência nas produções científicas sobre gênero, feminilidades, e principalmente, as relacionadas à masculinidade na Geografia. Esta pertinência também é evidenciada pelos autores Silva, Joseli e Ornat (2011) que fundamentados nos estudos realizados por Berg e Longhurst (2003), apontam sobre a carência desta produção científica nos estudos sobre masculinidades. A maioria das produções são principalmente em língua inglesa e geralmente essas produções estão sendo mais estudada por homens.

A construção de conhecimentos científicos na Geografia não deve estar pautada apenas na mera reprodução acadêmica de conhecimentos recorrentes. Para Joseli Silva (2009) a Nova Geografia Cultural ampliou o campo das produções geográficas feministas, propiciando maior visibilidade a temas considerados menos relevantes. Elementos, como espaço, poder e identidades, contidos na Nova Geografia Cultural e nas perspectivas feministas são capazes de tornar exequíveis as questões relacionadas a masculinidades e sendo plausivamente compreendidas pela Geografia, além de dar maior visibilidade às contribuições científicas de geógrafas, visto que há uma extensa lacuna a ser preenchida.

Esta carência nas produções relacionadas nos estimula a ampliar os conhecimentos sobre a temática proposta, contribuindo para o aumento nas produções acadêmicas. Além do propósito de poder dar um retorno a sociedade, com os resultados da pesquisa aos colégios, para que estes possam desenvolver ações possibilitando a reversão no quadro de reprovações.

CARACTERÍSTICAS DE REPROVAÇÃO E VIVÊNCIA ESCOLAR DE MENINOS E MENINAS

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Para salientar a problemática apresentada, fizeram parte da pesquisa cinco colégios da Rede Estadual de Ensino de Ponta Grossa – Paraná. Nestes foram realizados levantamentos quantitativos dos dados de rendimento escolar do Ensino Fundamental II (Anos Finais) no período de 2009 a 2012, com base nos relatórios anuais produzidos pela equipe pedagógica e dados disponibilizados no site do IDEB/INEP³.

Dos cinco colégios colaboradores com a pesquisa, quatro estão inseridos no perímetro urbano de Ponta Grossa, sendo três localizadas em bairros periféricos e um na região central. O quinto colégio está localizado em uma das áreas rurais do referido município.

Ao quantificar e analisar os dados da reprovação, desde 2009 a 2012, nos colégios da periferia, a média de reprovação em meninos ficou acima de 69% enquanto que as meninas tinham uma média de 31%. No colégio situado na área central a média de reprovações em meninos foi de 65,94% contra 34,06% das reprovações em meninas. A maior diferença constatada foi no colégio localizado na área rural. Das reprovações ocorridas no período de 2009 a 2011⁴, 86,08% dos meninos reprovaram e apenas 13,92 % meninas haviam reprovado.

Com base nos dados obtidos, tornou-se evidente que a reprovação dos meninos foi superior em relação às meninas. Nos cinco colégios a média de reprovação de meninos foi de 71,89 %, frente a 28,11% de média de reprovação de meninas. Compreendemos que estes dados estão relacionados à própria vivência do espaço escolar de meninos e meninas, constituída por elementos de masculinidade e de feminilidade. Portanto, o comportamento de reprovações não é homogêneo, mas sim heterogêneo relacionado à categoria de gênero, referente aos comportamentos sociais esperados para meninos e meninas.

³ Dados referentes ao IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Critério utilizado para escolha dos respectivos Colégios. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=19119>>. Acesso em 09 de Ago de 2013.

⁴ Os dados referentes a 2012 ainda não estavam disponíveis para consulta.

Realização:



Apoio:



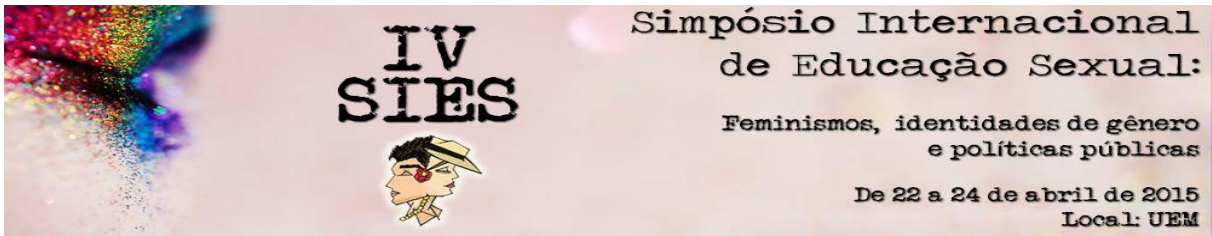
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Cármem Silva e colaboradores observam que as espacialidades e as relações sociais são constituídas desde o âmbito familiar, e a escola vem reafirmar essa delimitação entre diferentes espaços para meninos e meninas. Tanto no espaço familiar, quanto a escola são provedores dessa estereotipização, espaços onde são impostas regras comportamentais tidas como corretas, as quais meninos e meninas são conduzidos de formas distintas reforçando a ideia da diferenciação entre sexos. (SILVA et al., 1999).

Segundo Louro (1997) a escola demarca espaços e é nestes espaços que são construídos simbologias, estabelecendo o que cada indivíduo pode ou não fazer, tornando-se presente a segregação entre meninos e meninas. Estas simbologias, códigos e delimitações estão impregnados em nosso cotidiano, que muitas vezes não as percebemos ou naturalizamos sem questionar. É comum no espaço escolar meninos e meninas se agruparem e circularem de maneiras distintas.

Essa naturalidade comportamental no espaço escolar é sustentada por Louro (1997)

Tal "naturalidade" tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas. Observamos, então, que eles parecem "precisar" de mais espaço do que elas parecem preferir "naturalmente" as atividades ao ar livre. Registramos a tendência nos meninos de "invadir" os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. E, usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na "ordem das coisas". (LOURO, 1997, p. 60).

A naturalidade comportamental impregnada em meninos e meninas poderia explicar os diferentes desempenhos na vida escolar, principalmente porque tanto o espaço familiar, quanto o espaço escolar reforçam a ideia de que meninos e meninas devem ter comportamentos distintos. Por ser considerado mais agitado e agressivo, meninos podem ter mais dificuldades de concentração e isso justificaria o fato dos meninos terem um baixo rendimento escolar. Em contrapartida, as meninas

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



são tidas como mais organizadas, menos agitadas e então seu bom desempenho estaria atrelado à sua feminilidade, como se seguisse apenas uma lógica binária de masculino e feminino. (DAL'IGNA, 2007).

Mas como justificar os casos além destes padrões impostos pela sociedade? Quando uma menina é mais agitada, possui comportamentos considerados masculinos, e reprova inúmeras vezes ou um menino considerado doce, afável, organizado, possui um bom desempenho escolar. Então estes casos deveriam ser desconsiderados, pois não teriam relevância social, cultural ou científica?

Os conceitos normativos evidenciam interpretações de simbologias que reforçam as regras comportamentais e que regem tanto o ser masculino quanto o feminino, limitando ou inibindo outras formas de existência que não estejam incorporadas nessa padronização ou que se opõe a forma binária do ser masculino e feminino. (SCOTT, 1989).

De acordo Stuart Hall (2006) a construção da identidade dos sujeitos é formada ao longo do tempo e não no ápice do seu nascimento, então o sujeito nasce biologicamente menino ou menina, mas as identidades masculinas e femininas são constituídas durante suas vivências familiares e em sociedade. O próprio espaço escolar contribui para a construção destas identidades, a partir das suas vivências espaciais e suas relações sociais.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Este trabalho, em desenvolvimento, evidencia o aumento nos índices de reprovações do Ensino Fundamental II da rede estadual de Ponta Grossa/PR, destacando a maior reprovação meninos. Em todos os colégios pesquisados o número de reprovações masculinas ficou praticamente 3X superior ao das reprovações em meninas.

A reprovação, de forma geral, sem levar em conta a questão da masculinidade é justificada por alguns autores como Silva e Davis (1993), Gomes

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



(2005), no caso de alunos que não aprenderam os conteúdos ensinados durante o ano letivo pelo professor, pois desta forma, o aluno teria no próximo ano uma nova chance para o aprendizado.

Segundo Paro (2003) é perceptível na fala tanto de professores, quanto dos alunos que a culpa pelo não-aprendizado é do próprio aluno/aluna que não levou a sério os estudos e não prestou atenção na aula por isso mereceu reprovar. Já o Estado atribui a culpa aos professores por não rever constantemente as metodologias de ensino e conseqüentemente, levando ao fracasso escolar. Isso faz com que fique sempre a procura de um culpado, mas não de uma forma de reverter essa situação.

Tanto para o corpo docente e pedagógico e, sem eximir o Estado de suas obrigações, o que precisa ficar claro é que a reprovação continua a reproduzir um padrão social excludente e separatista, em que há um privilégio apenas para uma pequena parcela da sociedade, além da valorização dos costumes e culturas da classe dominante e mais forte, que impõe seus valores e seu modo de vida (PEREIRA, 2011).

A reprovação pode até contribuir, em alguns casos, para que o aluno possa realmente aprender os conteúdos, mas pode também elevar os índices de evasão escolar, algo recorrente em alunos que reprovam inúmeras vezes.

Esta pesquisa, além de demonstrar o alto índice de reprovações em meninos, busca ressaltar a relevância da problemática apresentada, no campo da Ciência Geográfica, visto que é de grande carência pesquisas relacionadas à masculinidade, reprovação e espaço escolar, assunto abordado em áreas da educação, além de que pesquisas relacionadas à masculinidade, geralmente, são produzidas por homens.

O propósito essencial desta pesquisa não se resume apenas em destacar a importância do tema para a Ciência Geográfica, ou demonstrar que meninos reprovam mais que meninas, mas sim aprofundar os questionamentos que envolvem a problemática abordada para tentar entender como se dá o processo da masculinidade – reprovação – espaço escolar e ofertar aos gestores, elementos que

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



auxiliem no planejamento educacional, visando superar ou minimizar tais reprovações.

REFERÊNCIAS

BERG, Lawrence D.; LONGHURST, Robyn. A bibliography of geography and masculinities. ACME: An International E-Journal for Critical Geographies. p. 1-12, 2003. Disponível em: <http://www.acme-journal.org/MascBib.pdf>. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José. Espaço e múltiplas masculinidades: um desafio para o conhecimento científico geográfico brasileiro. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Espaço, gênero & masculinidades plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. 358 p.

CHIMIN JUNIOR, AlidesBaptista. *O espaço como componente da vulnerabilidade aos atos infracionais desenvolvidos por adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em Ponta Grossa – Paraná*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009. Disponível em: <http://bicen-tede.uepg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=439>. Acesso em: 01 de nov. de 2013.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. **Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença?** Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 241-267. dez. 2007 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a10n46.pdf>>. Acesso em: 01 de nov. de 2013.

GOMES, Cândido Alberto. **Desserialização Escolar: Alternativa para o Sucesso?** *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, vol. 13, n. 46, p. 11-38, jan./mar. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 24 mar. 2013.

JACOMINI, Márcia Aparecida. **Educar Sem Reprovar: desafio de uma escola para todos**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.35, n.3, p. 557-572, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 184 p.

PARO, Vitor Henrique. **Reprovação escolar: renúncia à educação**. 2. ed. São Paulo: Xamã, 2003. 168 p.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



PATTO, Maria Helena de Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.** São Paulo: T. A. Queiroz, 2010. 464 p.

PEREIRA, Lilian Lima. **Reprovação escolar: uma questão, muitas facetas.** Disponível em: < www.direcionaleducador.com.br/edicao-80-set/11/reprovacao-escolar-uma-questao-muitas-facetas >. Acesso em: 25 abr. 2013.

SILVA, Cármen A. Duarte da. et al. **Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados.** *Cad. Pesqui.*, Jul 1999, no.107, p.207-225. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a09.pdf>>. Acesso em: 05 de nov de 2013.

SILVA, Rose Neubauer da; DAVIS, Cláudia. **É proibido repetir.** Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, n. 7, p. 5-44, 1993. Disponível em: < http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/me002000.pdf >. Acesso em: 25 abr. 2013.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas - discursos sobre espaço, gênero e sexualidade.** Ponta Grossa: TodaPalavra, 2009, p. 135 - 149.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José. Espaço e múltiplas masculinidades: um desafio para o conhecimento científico geográfico brasileiro. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Espaço, gênero & masculinidades plurais.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. 358 p.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. p. 1 - 35. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em: <[file:///C:/Users/susana/Downloads/genero_joan_scott%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/susana/Downloads/genero_joan_scott%20(2).pdf)>. Acesso em: 04 dez. 2014.

STUART, Hall. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª ed. 2006. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992. 102 p. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

ABSTRACT

THE CHARACTERISTICS OF FAILURE AND SCHOOL EXPERIENCES OF BOYS AND GIRLS IN PONTA GROSSA / PR

Realização:



Apoio:



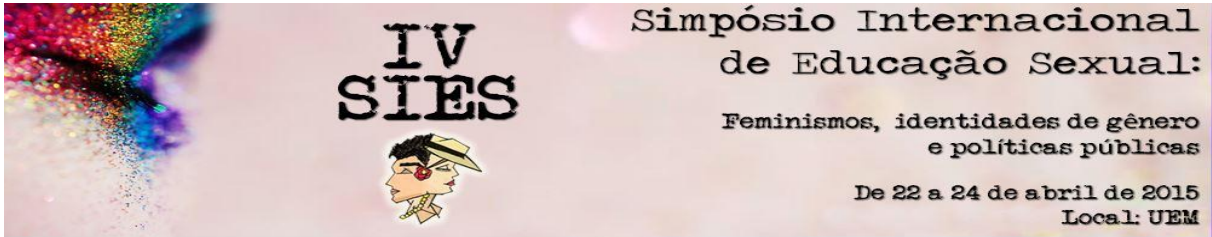
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



ABSTRACT: This discussion underlines the relationship between characteristics of failure and school experiences of boys and girls in Ponta Grossa, Paraná, issue addressed in a postgraduate research still in progress. Preliminary data refer to the year of 2013, a quantitative gathering that was done in five state schools in Ponta Grossa / PR, seeking to trace a profile of learners who failed in the period between 2009 and 2012 in elementary school II. These data were obtained via analysis of investigated schools' documents. From the quantification of the data obtained, it underlines that the boys' failure was greater than the failure of the girls, presenting the boys in the five schools a failure average of 71,89% against 28,11% of the girls' failure average. We understand that these data relate to the own experiencing of school space by boys and girls, constituted by elements of masculinity and femininity. Therefore, the failure behavior is not homogeneous, but heterogeneous relating to the gender category, referring to the expected social behavior of boys and girls.

Keywords: School Space; Failure; Gender

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook